

LARIVIÈRE, Louise-L. *Pourquoi en finir avec la féminisation linguistique* [Por que acabar com a feminização lingüística]. Montréal: Boréal, 2000
150p.

Nubia Jacques Hanciau
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

A lingüista Louise-L. Larivière quer acabar com a feminização lingüística. De que forma? Aceitando-a e aplicando-a, de uma vez por todas, por meio de um panfleto claro e sistemático, sua vibrante tribuna a favor de uma língua igualitária, que se quer não-militante, no sentido que ela própria explica em tese direta e simples: “Antes de qualquer outra coisa é importante para a feminização, que é uma questão da língua, apoiar-se em considerações lingüísticas e não nos ‘estados da alma’”.

Para a quebequense Louise Beaudoin, Ministra da Francofonia e das Relações Internacionais, a feminização dos títulos de função pública tem origem em um fenômeno social: a ascensão maciça das mulheres ao mercado de trabalho. Sua integração em atividades das quais as mulheres estiveram excluídas provocou uma evolução lexical e gramatical da língua francesa, sobretudo na província do Quebec. Mesmo se sua origem é social, a feminização lingüística, como o próprio nome indica, é um fenômeno da língua, pois seu objeto é lingüístico e trata da formação de palavras que representam as mulheres e da

situação daquelas na frase.

Se a feminização responde a uma dupla necessidade – a primeira de ordem lingüística, a segunda de ordem social –, uma constatação se impõe: a mulher está ausente na língua; por toda parte, o masculino vem na frente, apagando, assim, a presença do feminino. As feministas lutam nos meios estudantis, na função pública e nos sindicatos por nomes que marquem seu gênero nas profissões e por pronomes diferentes que remetam a sexos diferentes. Tal abordagem lingüística é apenas o aspecto exterior de um procedimento que pretende atingir o coração da realidade, pois o imaginário, que serve para representar as coisas e para evocá-las, foi inteiramente moldado pelos homens. Segundo uma nova geração de mulheres, o imaginário deve ser reinventado por elas, menos para restabelecer a ordem das coisas do que para constituir um mundo próprio, estabelecendo uma espécie de sindicato em defesa e promoção da identidade feminina. Louise Larivière, professora das Universidades de Montreal e Concórdia, defende, em *Pourquoi en finir avec la féminisation*

lingüistique, a razão de ser da feminização e analisa as causas que criam obstáculo, quer à visibilidade das mulheres, quer à igualdade entre elas e os homens. Faz isso descrevendo a oposição às formas marcadas, muitas vezes, pela ignorância, pela idiotia ou má-fé. Sua tese é simples e direta. Coerente no plano lingüístico, no plano social, a feminização “testemunha a respeito do lugar que agora a mulher ocupa em todas as esferas da vida moderna”. Feminizar é, então, ir contra o sexismo na língua e na sociedade.

Larivière conhece os argumentos de seus adversários. Sua convincente demonstração tem o objetivo de refutá-los. Para tanto, em primeiro lugar, ela desmonta a tese que defende a neutralidade dos termos genéricos, por exemplo, “o homem” (“O homem é um mamífero, ele amamenta seus filhotes”). Fonte de ambigüidade, esse método acarreta incongruências difíceis de tolerar, quando faz um de seus específicos desempenhar o papel de genérico, quase sempre o masculino. A mesma observação aplica-se ao masculino elevado ao *status* de gênero neutro para a designação de certos títulos e funções, que, ao contrario do que ocorre no Brasil e no Quebec, a língua francesa falada na matriz insiste em conservar: *Le premier ministre, accompagné de son mari, était présent au concert hier soir* [o

primeiro-ministro, acompanhado de seu marido, estava presente no concerto ontem à noite]; *Le président s’est déclaré fort satisfaite* [O presidente declarou-se muito satisfeita]¹. Essas palavras, escreve Larivière, que, assim, desenterra uma controvérsia contrária às pretensões dos inimigos da feminização, não designam apenas as funções, mas as pessoas que as exercem e, logicamente, deveriam trazer a marca do gênero que corresponde ao sexo dessas pessoas. A noção de gênero não-marcado é, segundo ela, “uma aberração lingüística”. Somente a feminização pode corrigir tais derrapagens. Para Larivière, é preciso terminar com o desprezo pelo gênero feminino, conservado pelos dinossauros da Academia francesa e seus seguidores. “A língua francesa [citando Beaudoin] deve ser viva. Deve permitir exprimir a evolução da sociedade”. Será aceitável que os nomes das profissões que existem nos dois gêneros tenham, ainda, um valor diferente se empregado no masculino ou no feminino? Por que *cozinheiro* designa um *chef de cuisine* e *cozinheira*, uma executante? *Costureiro*, um criador de moda, e *costureira*, uma executante? A *secretária*, uma subordi

¹Tradução literal.

nada, e o secretário, um dirigente? Para a autora de *Pourquoi en finir avec la féminisation linguistique*, isso se deve a um machismo lingüístico e social, principalmente se considerarmos que a língua não é um objeto estético nem patriótico, mas linguístico, que deve servir, entre outros objetivos, à justiça social.

Por seu lado, a escritora feminista francesa Benoîte Groult sublinha que, segundo os gramáticos, o genérico “homem” pode englobar, igualmente, os homens e as mulheres ou um determinado grupo de homens, mas, em hipótese alguma, pode referir um grupo composto exclusivamente por mulheres. Ela cita, a título de exemplo, as mutilações sexuais femininas atualmente infligidas a 80 milhões de mulheres e meninas, que vão de encontro aos direitos os mais elementares. Nesses casos, Groult observa que a expressão “direitos do homem e inadequada e ridícula”, enquanto a expressão “direitos da pessoa” seria “mais satisfatória”. Aliás, esta é a expressão utilizada no Canadá, mais particularmente no Quebec, onde existe uma carta dos direitos que se intitula *Charte des droits et libertés de la personne*.

Num plano mais técnico, cabe questionar o que se pensar do problema decorrente do uso (e do peso) das “parelhas” frequentemente encontradas na escrita da língua francesa que se quer politicamente correta, particular -

mente no Canadá francófono (*directeur/directrice; étudiant/étudiante; professeur/professeuse*), cujo potencial, por vezes irritante, é um dos raros argumentos antifeminização que não foram refutados pela lingüista, que tem um livro intitulado *Comment en finir avec la féminisation linguistique ou les mots pour le dire*, disponível no endereço www.00h00.com, e que responde a essa questão. O “como” fica para mais adiante. Quanto ao “por que” da proposta de *Pourquoi en finir avec la féminisation linguistique*, ele recebe rigoroso e enérgico argumento da autora, que, conforme se imagina, não encerra o debate, mas contribui para enriquecê-lo.